



Companhia das Lezírias

Investigação Aplicada e Gestão Florestal na Companhia das Lezírias

Sessão pública de divulgação

16 de Maio de 2016

Acta da Sessão

Decorreu no dia 16 de Maio de 2016, pelas 15:00 horas, no Palácio do Infantado em Samora Correia, a sessão pública de divulgação intitulada “Investigação Aplicada e Gestão Florestal na Companhia das Lezírias (CL)”.

O programa da sessão técnica era constituído pelas seguintes apresentações:

1. Monitorização da comunidade de mamíferos na Unidade de gestão florestal da Companhia das Lezírias, S.A. e conciliação das atividades com a preservação das espécies prioritárias;
2. Valorização dos serviços de ecossistema do montado da Companhia das Lezírias pelos seus utilizadores: primeiros resultados;
3. Monitorização de aves na Companhia das Lezírias;
4. A conservação das bolotas e a adequação das práticas silvícolas: Nova estratégia de reflorestação do sobreiro;
5. SOS Coelho: bases para a recuperação de uma espécie-chave nos ecossistemas mediterrânicos;
6. A gestão florestal da CL em 2015.

Os pontos abordados na apresentação “A gestão florestal da CL em 2015” foram:

1. As operações florestais em 2015
2. O Turismo sustentável
3. I&D
4. Resultados da aplicação dos procedimentos
5. Ideias-chave e desafios

Antes do intervalo e no fim da sessão, a que assistiram pelo menos 26 pessoas, houve lugar para a audiência fazer comentários e/ou colocar questões.

Rui Paixão perguntou a Sandra Alcobia se havia uma correlação entre a pastagem e os pequenos mamíferos e se o aumento de riqueza nas linhas de água não poderia ter um impacto negativo nos coelhos. Em relação aos micromamíferos, esta respondeu que sim e que, no caso

dos médio/grande mamíferos, essa relação já não era tão evidente. Em relação aos coelhos, o aumento da abundância está dentro daquilo que são valores normais de efetivos desses mamíferos num ecossistema saudável.

Rui Paixão perguntou ainda se a diminuição no número de corujas observadas poderia estar relacionada com o aumento das áreas de arrozal. Inês Roque respondeu que é uma tendência observada mas que não se pode dizer qual a razão.

Em termos de predadores, Sandra Alcobia perguntou a Marisa Rodrigues do CIBIO que registos tinham nas câmaras instaladas. Esta respondeu que ainda não tinham a informação toda processada.

Algumas pessoas na audiência mostraram-se preocupadas com o aumento dos predadores em geral. Sandra Alcobia explicou que quando se mata uma raposa deixamos um território disponível para outra ocupar uma vez que há sempre raposas à procura de território. A raposa é oportunista e generalista e, como todos os animais, procura despender o menor esforço possível para conseguir alimento. Assim sendo, e no caso dos coelhos, os predadores vão procurar apanhar primeiro os animais que estiveram mais fracos contribuindo para a saúde da população. Na sua opinião é muito mais preocupante o impacto dos gatos assilvestrados e possivelmente o dos sacarrabos, que é uma espécie que não está a ser estudada. Os gatos têm a particularidade de estarem sempre a caçar, mesmo quando não têm fome. Os outros mamíferos têm um impacto menor quando comparado com estas espécies.

Paulo Figueiras, tendo observado que as águias apanham as perdizes que são soltas para o treino de cães, perguntou se aquelas e as gralhas não estariam a causar impacto nos coelhos. Carlos Godinho respondeu que a gralha é muito inteligente e oportunista e pode apanhar perdigotos mas não perdizes adultas e que uma gralha não caça coelhos.

Rui Alves observou que cada vez se veem mais gralhas e que parece evidente de que é preciso fazer alguma coisa para controlar a população.

Carlos Godinho continuou referindo que as gralhas, sendo oportunistas, vão em primeiro lugar tentar alimentar-se de animais atropelados e também, quando é época, de ovos. Em relação à gralha referiu ainda que a águia de bonelli persegue e expulsa as gralhas do seu território.

João Rabaça disse que na sua opinião a CL, em termos de gestão, é um exemplo que se devia generalizar. É ilustrativo do que se tem feito e do muito que se tem que fazer. Temos noção dos impactos que se causaram nos ecossistemas e podemos intervir porque já sabemos por onde ir. Concordou com a Sandra Alcobia dizendo que os gatos domésticos, segundo um estudo que viu, têm um impacto enorme (+ de 50% de mortalidade) na avifauna junto às casas onde habitam.